

Narrativas ficcionais - potenciais pedagógicos, estético e literário para a formação do aluno no espaço escolar

Elivaldo Serrão Custódio¹, Rubelina Silva dos Santos²

¹ Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED. Rodovia Juscelino Kubitschek, KM-02, Jardim Marco Zero. Macapá - AP. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: elivaldo.pa@hotmail.com

RESUMO. O presente trabalho tem como objetivo elaborar estratégias de estímulo à leitura com ações que envolvem narrativas ficcionais de forma dinâmica, prazerosa e divertida junto a alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Fé em Deus localizada em Rio Baiano, município de Afuá, Estado do Pará. Para isso, utilizamos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa ação com abordagem qualitativa/quantitativa, sendo a segunda desenvolvida a partir do diagnóstico através de questionário aplicado com os alunos. Os resultados demonstram que é possível estimular o gosto e o prazer pela leitura a partir das narrativas ficcionais e que a utilização de espaços além do da sala de aula podem tornar a leitura mais divertida e que o papel do professor é fundamental nesse processo. Assim, acreditamos que trabalhos dessa natureza são importantes para o processo de ensino e aprendizagem de forma dinâmica e também porque permite ao educador momentos de reflexão sobre a prática docente em escolas localizadas na zona rural.

Palavras-chave: Narrativas Ficcionais, Leitura, Ensino e Aprendizagem, Escola Pública.

Fictional narratives - pedagogical, aesthetic and literary potentials for the student's formation in the school space

ABSTRACT. The present work aims to develop strategies to stimulate reading with actions that involve fictional narratives in a dynamic, pleasant and fun way with students of the final years of Elementary School of the Faith in God School located in the Baiano River, Afuá municipality in the state of Pará. For this, we used bibliographic research and action research with a qualitative/quantitative approach, the second one being developed from the diagnosis through a questionnaire applied with the students. The results demonstrate that it is possible to stimulate taste and pleasure by reading from fictional narratives and that the use of spaces beyond the classroom can make reading more fun and that the role of the teacher is fundamental in this process. Thus, we believe that works of this nature are important for the teaching and learning process in a dynamic way and also because it allows the educator moments of reflection about the teaching practice in schools located in the rural area.

Keywords: Fictional Narratives, Reading, Teaching and Learning, Public School.

Narrativas ficcionales - potenciales pedagógicos, estético y literario para la formación del alumno en el espacio escolar

RESUMEN. El presente trabajo tiene como objetivo elaborar estrategias de estímulo a la lectura con acciones que involucran narrativas ficcionales de forma dinámica, placentera y divertida junto a alumnos de los años finales de la Enseñanza Fundamental de la Escuela Fe en Dios ubicada en el Río Baiano, municipio de Afuá en el estado del Amazonas, Para ello, utilizamos la investigación bibliográfica y la investigación-acción con abordaje cualitativo/cuantitativo, siendo la segunda desarrollada a partir del diagnóstico a través del cuestionario aplicado con los alumnos. Los resultados demuestran que es posible estimular el gusto y el placer por la lectura a partir de las narraciones ficcionales y que la utilización de espacios más allá del aula pueden hacer la lectura más divertida y que el papel del profesor es fundamental en ese proceso. Así, creemos que trabajos de esa naturaleza son importantes para el proceso de enseñanza y aprendizaje de forma dinámica y también porque permite al educador momentos de reflexión sobre la práctica docente en escuelas ubicadas en la zona rural.

Palabras clave: Las Narraciones Ficcionales, Lectura, Enseñanza y Aprendizaje, Escuela pública.

Introdução

Viabilizar meios para que a criança desenvolva o gosto e o hábito de ler ainda nos primeiros anos de vida é uma ação muito importante que deve ser priorizada por pais ou demais familiares. Assim como o ato de brincar, ouvir histórias é um momento lúdico que deve ser oportunizado às crianças, desenvolve o gosto pela leitura, instiga novas emoções e estimula o desenvolvimento cognitivo.

A leitura uma vez sendo apresentada à criança no ambiente familiar, ouvindo as histórias contadas pelos pais ou demais familiares, ao adentrar à escola o processo de incentivo, o estímulo deve ser aprimorado pelo professor que deve disponibilizar à criança os mais diferentes gêneros textuais de acordo com a idade e o nível de conhecimento em que se encontra. Esta necessidade advém do fato de que a escola tem o papel de desenvolver na criança além do gosto pela leitura, sua plenitude, ampliando assim o repertório de gêneros para os trabalhos realizados pelo professor em sala de aula de acordo com o ano de estudos em que a criança se encontra.

É nesse contexto que se encontram as narrativas ficcionais e o gênero textual que muitas vezes é deixado de lado ou até mesmo esquecido pelos professores, mas que é de fundamental importância ao

processo de ensino e estímulo à leitura. Tendo em vista que é envolto em aventuras e magias com personagens que enaltecem a história e enredos que encantam desde as criancinhas, até os mais velhos, essas narrativas ficcionais muitas vezes são a única garantia de que não serão esquecidas, mantendo-as por gerações e gerações através da oralidade nas comunidades ribeirinhas.

Por suas especificidades, tais como envolver a cultura local e promover diferenciadas emoções ao interlocutor, defendemos o uso dos contos ficcionais no estímulo da leitura já que na grande maioria das escolas localizadas no meio rural ou localidades ribeirinhas, os jogos de videogames, computadores, celulares ou tablets, dentre outros mecanismos que lhes possibilitem o acesso à internet são uma realidade distante, o uso de mecanismos como o incentivo de contos ficcionais são uma possibilidade de prática pedagógica diferenciada de valorização da cultura e história regional.

São esses mesmos mecanismos que facilitam a vida, que permitem acesso a qualquer tipo de informação em tempo real, que também são os maiores vilões da falta de gosto pela leitura entre crianças e adolescentes, pois, tendo acesso às tecnologias, eles perdem totalmente o interesse por ler, ouvir ou contar histórias,

preferem as diversões promovidas pelos meios tecnológicos. Foi a partir dessa constatação que decidimos por elaborar estratégias de estímulo à leitura, com ações que envolvem as narrativas ficcionais, de forma dinâmica, prazerosa e divertida, desenvolvidas junto aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Fé em Deus (EMEF) localizada no Rio Baiano, município de Afuá no estado do Pará/Brasil.

O problema que levou ao interesse pela pesquisa foi a observação de que as dificuldades de leitura comuns nos anos finais do Ensino Fundamental são oriundas da falta de incentivo desde os anos iniciais. Desse modo, pensamos em apresentar propostas de trabalhos diferenciadas e significativas aos alunos a partir das narrativas ficcionais para instigar o gosto e o hábito da leitura, pois sabemos que ainda hoje no meio rural e até mesmo na zona urbana no processo de ensino e aprendizagem de linguagem, o uso excessivo de conteúdos de Língua Portuguesa fazem com que o professor esqueça do essencial que é inserir a criança no mundo da leitura.

Sendo assim, como objetivo principal do trabalho procuramos demonstrar que é possível utilizar as narrativas ficcionais como recurso pedagógico, estético e literário para

trabalhar a leitura tornando o ensino significativo ao aluno dos anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, utilizamos como metodologia de trabalho dois tipos de pesquisa, a bibliográfica e a pesquisa ação com abordagem qualitativa/quantitativa, sendo a segunda desenvolvida a partir do diagnóstico da aplicação de questionário com os alunos. Em seguida, a partir dos dados coletados foi feita a reescrita dos textos mencionados no questionário, como sendo os preferidos dos participantes da pesquisa, para posterior disponibilização para leitura em locais diferenciados, como o barco que faz o transporte das crianças até a escola. Além disso, houve ainda a socialização dos textos lidos em sala de aula e a dramatização pelos alunos do 9º ano a toda a comunidade escolar.

Os resultados da pesquisa são apresentados em duas seções principais, sendo que na primeira denominada de “Narrativas ficcionais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Fé em Deus: vivências, experiências e realidade local”, onde abordamos aspectos inerentes às especificidades das escolas na região do município de Afuá e traçamos um perfil da escola campo de pesquisa detalhando a estrutura física e o meio de transporte dos alunos.

Na segunda parte do trabalho, denominada de “Enquadre metodológico”, delimitamos os sujeitos da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, os aspectos éticos e legais e o cenário da intervenção: o público. Em seguida, apresentamos a análise e discussão dos resultados. Os principais autores utilizados para embasar as discussões foram: Sicsu (2013), Bettelheim (2004) e Da Costa (2016). Por último, apresentamos as considerações finais acerca do trabalho realizado.

Narrativas ficcionais na escola municipal de ensino fundamental Fé em Deus: vivências, experiências e realidade local

Falar em Educação no Campo na Amazônia é muito complexo, como por exemplo, no estado do Pará e Amapá, pois ambos os estados refletem e apresentam no mesmo contexto as mesmas mazelas relacionadas à garantia de direitos que ainda não constituem a realidade do

homem que habita no campo, nas áreas ribeirinhas, nas florestas.

É importante se considerar os dados exposto por Hage (2005) quando afirma que 29,9% da população adulta residente em áreas rurais ainda é analfabeta; que a média de anos de escolarização é de 3,3; que entre as escolas que atendem a população do campo com a oferta do Ensino Fundamental, 71,7% trabalham exclusivamente com turmas multisseriadas, atendendo 46,6% dos estudantes em condições precárias e com pouco aproveitamento na aprendizagem.

Esses dados ficam ainda mais evidentes se formos considerar as escolas que se encontram mais distantes dos grandes centros com acesso apenas fluvial, sem qualquer tipo de acesso por via terrestre a outras comunidades como é o caso da EMEF que está localizada às margens do Rio Baiano, no meio da grande floresta amazônica, com difícil acesso na época da seca e sofrendo alagações no período de inverno.

Figura 1 - Realidade de escolas da Educação do Campo localizadas em regiões ribeirinhas.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

Imagens como essas (Figura 1) retratam a realidade das escolas do campo - aquelas localizadas em regiões ribeirinhas bem distantes - onde a dificuldade de acesso de alunos e professores é maior com infraestrutura física inadequada para receber docentes e discentes, gerando assim uma certa indignação por parte da sociedade.

Sabemos que os recursos destinados pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) para educação, no entanto, muitas vezes não são suficientes e/ou investidos de forma adequada. Esses entraves são encontrados tanto no Amapá quanto no Pará. E figuram entre os maiores empecilhos para que os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. Mesmo assim, os profissionais que atuam nesses ambientes totalmente insalubres

buscam mesmo sem contar com nenhum tipo de conforto, estar presentes nas escolas tentando levar um ensino de qualidade aos alunos, ainda que para isso tenham que correr riscos, junto com as crianças como a falta de segurança e conforto ao navegar pelos rios da Amazônia.

É importante salientar que as dificuldades de acesso em algumas regionaisⁱ do Afuá ocorrem tanto no período do verão quanto do inverno, pois na época da seca professores e alunos têm que enfrentar a lama para desembarcar na escola. Já no inverno devido as escolas se encontrarem situadas em locais que são totalmente tomados pela água em períodos de cheia, de maré alta, as águas tomam todos os espaços de aprendizagem e, quando há aulas os alunos sentam-se e ficam com os pés dentro d'água conforme se pode observar na imagem a seguir:

Figura 2 - Alunos estudando no período do inverno em escolas ribeirinhas da região do Afuá.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2016).

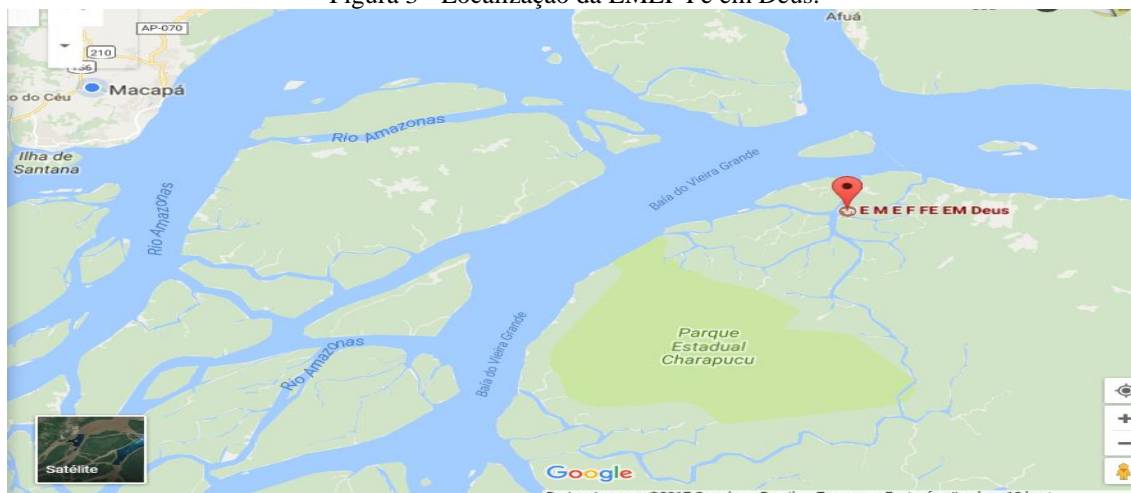
Conforme exposto por Da Costa (2016), o contexto observado em torno das escolas de regiões ribeirinhas é, tradicionalmente, de uma paisagem comunitária composta por um conjunto aproximado de trinta e/ou quarenta pequenas residências construídas em madeira e cobertas de palha ou telhas de alumínio ou amianto e/ou ainda pequenas “taperas”ⁱⁱ distribuídas às margens dos rios amazônicos, sendo algumas próximas umas das outras ou mais isoladas entre si.

A escola municipal de ensino fundamental Fé em Deus no município de Afuá

A EMEF tem a via fluvial como único meio de acesso. Sendo assim, para quem quer se deslocar de Macapá, capital mais próxima da localidade, é necessário fazer a travessia de uma baía, denominada de Baía do Vieira Grande, além do Rio Amazonas.

Os meios de transporte mais utilizados para deslocamento até a comunidade fazendo o trajeto de Santana ou Macapá à Regional onde está situado o colégio são: lanchas, catraias, voadeiras e barcos.ⁱⁱⁱ Os moradores preferem viajar de lancha ou catraia, devido ao custo financeiro, ou seja, pelo fato de o valor da passagem ser mais barato, isto é, em média de 15 reais. Entretanto, o tempo para se chegar à localidade é maior, geralmente varia de três horas e meia a quatro horas, dependendo do motor. Já os professores preferem viajar de voadeira (apesar de ter um custo maior) por ser um meio de transporte mais rápido que não torna a viagem tão cansativa.

Figura 3 - Localização da EMEF Fé em Deus.

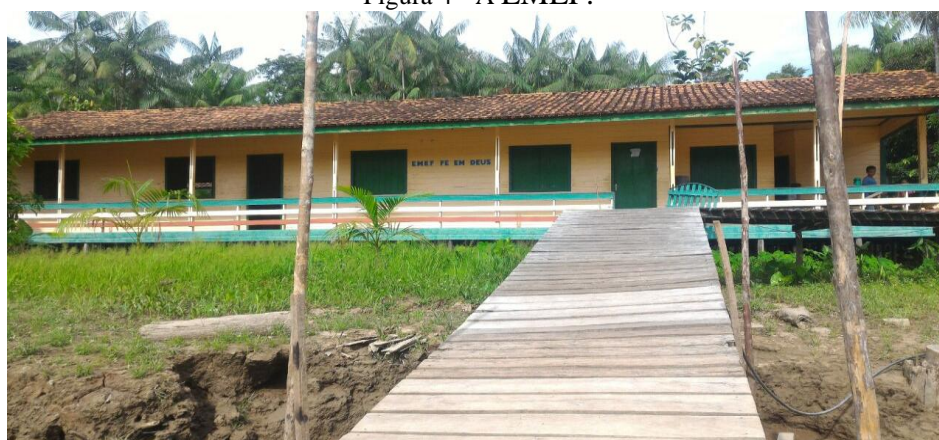


Fonte: Google Maps (2017).

A EMEF é construída em madeira com cobertura de telha de barro. A mesma possui quatro salas de aula e cada turma funciona com aproximadamente vinte

alunos. No prédio não há acessibilidade às pessoas deficientes nem atendimento educacional especializado.

Figura 4 - A EMEF.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

São atendidos os alunos da Educação Infantil (17 matriculados no ano de 2017) e os do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano). No segundo turno o atendimento é voltado aos alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano).

O ano letivo, conforme o calendário da Secretaria Municipal de Educação

(Semed) – Afuá-PA, costuma ser iniciado regularmente no mês de fevereiro e com término em dezembro. Sendo que a partir do encerramento das aulas os professores efetivos são devolvidos para a Secretaria de Educação que, conseqüentemente, irá fazer a lotação desses profissionais no ano subsequente de acordo com os decretos,

portarias e o regimento interno do município. Essa situação é uma das estratégias de política governamental que o gestor municipal usa para diminuir despesas com por exemplo, deixar de pagar cinquenta por cento (50%) de interiorização, recurso este que os docentes recebem quando estão desempenhando suas funções em sala de aula, especificamente na zona rural.

No período das aulas o meio de transporte utilizado pelos alunos para se locomover até à escola cotidianamente é a

catraia^{iv}. Vale salientar que, conforme explicitado por Santos e Nascimento (2014), essa é a realidade hídrica dos habitantes de áreas ribeirinhas e esse contexto não faz parte da vida somente dos discentes da EMEF, mas de toda a paisagem característica da Amazônia Brasileira “onde o ‘rio é rua’ e constitui-se em elemento fundamental para a compreensão teórico/conceitual da territorialidade ribeirinha na região”. (Santos & Nascimento, 2014, p. 41).

Figura 5 - Catraias utilizadas para que os alunos tenham acesso à escola.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

É importante evidenciar que os eixos das embarcações que transportam os alunos possuem proteção para evitar escarpelamento^v de meninas, o que é uma exigência das capitânicas dos portos do Pará e Amapá, devido ao grande índice de casos registrados nos rios da região.

A pesquisa efetuada se enquadra como qualitativa/quantitativa, e quanto aos procedimentos, como pesquisa ação, pois, conforme explicitado por Oliveira (2008) consiste em uma atividade de compreensão e de explicação das práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com o fim de melhorar essas práxis.

Enquadre metodológico

Desse modo, a primeira ação que foi desenvolvida com os alunos diz respeito à apresentação do gênero que se propôs trabalhar. Em seguida, cada um recebeu um questionário contendo algumas perguntas inerentes ao gosto e contato que tinham com a leitura no ambiente familiar

e o espaço destinado ao relato do conto ficcional que eles mais gostavam, e que tivesse sido contado por pais, tios, avós, etc. Como resposta, obtemos fragmentos dos textos apresentados no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Títulos de textos apresentados pelos alunos.

Nome do texto	
A criança que chorava	O Mapinguari
A assombração	A lenda do boto
O lobisomem	Cabeça de fogo
Curupira	A lancha encantada
Desejos de grávidas	O homem encantado
A menina encantada	Praia encantada
A lenda do Saci	Arrasta palha
Jurupari	Cobra grande

Fonte: Pesquisa dos autores (2017).

É importante ressaltar que alguns textos foram repetidos por mais de um ou dois alunos. Houve alguns textos que apresentaram fragmentos maiores e outros com duas ou três linhas, por isso a importância da reescrita, pois ela nos possibilitou o acréscimo de informações que tornaram o texto mais interessante.

Por ocasião das atividades alguns alunos receberam elementos oriundos de outros contos e de histórias reais contadas pelas populações ribeirinhas e até do caso do vídeo da misteriosa cobra grande visualizada no ano de 2017 no Rio Matapi, localizado no município de Mazagão-AP, que foi compartilhada nas redes sociais, aguçando a curiosidade de muita gente

para saber o que realmente acontecia naquelas águas.

Consideramos importante acrescentar esses elementos para criar mais fantasia e emoção aos enredos trazidos pelos alunos à sala de aula, pois isso, os instigaria a ir em busca das informações presentes nos novos textos e, conseqüentemente, à leitura. Sendo assim, utilizamos da intertextualidade para tornar as histórias mais criativas e assim, chamar a atenção dos alunos para a leitura conforme se pode observar em “A lancha encantada”.

A LANCHA ENCANTADA

Há muito tempo atrás, um senhor chamado Teotônio possuía uma lancha, era normal, como as quais nos trazem à escola. Mas essa, era usada para vender os peixes pescados por ele e por seus dois filhos,

Mateus e Benedito. Em uma das viagens à cidade, houve um acidente e um dos rapazes perdeu a vida.

Oito dias após a partida do jovem, ainda muito triste pela perda do filho, seu Teotônio teve coragem de voltar aos trabalhos, retornou à pesca e em seguida, se direcionou à cidade para vender os peixes. Retornou, lavou a embarcação e, no final da tarde, como era de costume, amarrou-a em um dos troncos que fincou às margens do rio em frente à sua casa, exatamente para esses fins.

Qual foi sua surpresa ao amanhecer, a lancha simplesmente desapareceu! Dizem os vizinhos que ela se desmanchou nas águas do rio Laranjeira...

Não acreditando nessa história, seu Teotônio foi até Macapá e pediu a ajuda de alguns mergulhadores que se direcionaram ao local onde supostamente a lancha havia afundado. Os mergulhadores então adentraram às águas do Rio Laranjeiras. Ao mergulhar, notaram que haviam muitas folhas no fundo do rio e voltaram à tona.

Nesse momento, as águas então paradas, começaram a se movimentar, todos os que estavam presentes, perceberam que algo parecido com um redemoinho começava a aparecer bem no local onde a lancha havia sumido. O movimento foi aumentando e, de repente! Uma enorme calda apareceu por entre as borbulhas que vinham do fundo. Todos ficaram aterrorizados, pois nunca tinha visto algo parecido pelos arredores! Os homens correram para buscar as armas, as mulheres rezavam e pediam a proteção divina. Mas, antes que qualquer ação pudesse ser feita, o movimento na água foi diminuindo, o redemoinho foi sumindo e tudo o que restou foi a calmaria das águas no Rio Laranjeiras...

Devido o acontecido, os mergulhadores desistiram de retornar às águas, seu Teotônio mais uma vez ficou triste por não ter recuperado sua embarcação. Foi então que teve uma ideia! Chamou o filho e o compadre Arquimedes e decidiram que eles mesmos mergulhariam em busca do pequeno barco. Marcaram que isso seria feito na manhã do sábado seguinte e assim o fizeram.

Ao mergulhar, não perceberam folhas no fundo do rio, mas avistaram muitos botos nos arredores da embarcação que se encontrava há poucos metros do local de onde havia sumido, estava intacta! Sem nenhum arranhão! Foram nadando até

ela e surpreenderam-se quando viram que na proa do barco havia um homem todo vestido de branco. Ele levantou a mão sinalizando para que parassem. Eles pararam. O homem então ordenou:

- Vão embora rapidamente e nunca mais voltem aqui! Caso não ouçam o que digo, da próxima vez ficarão aqui comigo, encantados para sempre nesse barco no fundo do rio.

Eles obedeceram, voltaram à tona e nunca mais retornaram ao fundo do rio. Dizem os mais velhos, que toda noite o barco vem à tona e, junto com seu comandante encantado, segue cuidando dos rios de toda a região.

Adaptado pelos pesquisadores (2017).

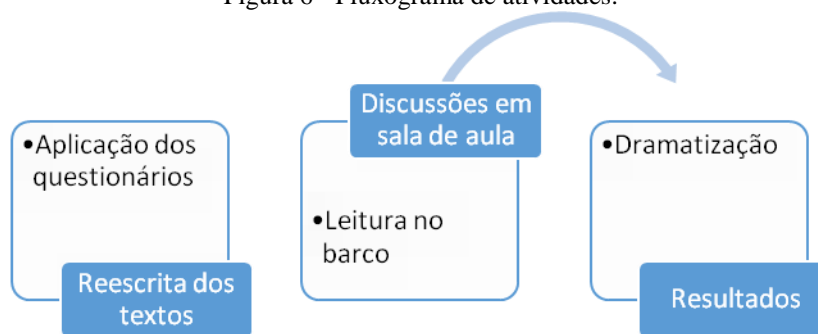
O passo seguinte após fazer a reescrita foi apresentar os textos aos alunos. Para isso pensamos em algo diferente do cotidiano, que chamasse a atenção e que aguçasse a curiosidade deles. Desse modo, os novos contos foram impressos e depois colados em papel cartão colorido. Em seguida, recortados e alocados em um pequeno baú deixado em cada um dos barcos que fazem o transporte das crianças de casa até a escola e vice-versa. Nessa fase, os alunos ficaram livres para ler se tivessem vontade.

Posteriormente, já em sala de aula, foram convidados a falar sobre os textos lidos e alguns questionamentos foram feitos pelos pesquisadores, instigando os alunos a responder sobre sentimentos aflorados, tais como: medo, surpresa, a partir da leitura dos textos. Após esse momento foram convidados a fazer a dramatização dos contos em sala de aula.

Os trabalhos foram desenvolvidos com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Os participantes da pesquisa são filhos de famílias ribeirinhas que habitam às margens do Rio Baiano e outros rios da região. Adolescentes estes que auxiliam os pais no trabalho e, em período específico, no preparado da roça para o plantio e colheita. Nesses períodos

normalmente os adolescentes costumam faltar às aulas, o que prejudica muito o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, por orientação da própria Secretaria Municipal de Educação há uma flexibilização no planejamento e nos conteúdos trabalhados no sentido de que os alunos não sejam prejudicados.

Figura 6 - Fluxograma de atividades.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2017).

No que diz respeito aos contos reescritos, os escolhidos foram: a) O cabeça de fogo; b) Jurupari; c) A menina encantada; d) A lancha encantada e; e) O Mapinguari. Salientamos que esses textos foram levados pelos alunos à sala de aula e, portanto, já eram conhecidos por eles através de seus familiares, vizinhos ou amigos em momentos de descontração no ambiente familiar e/ou por meio de algum veículo de informação.

Na reescrita buscamos inserir mais detalhes daqueles apresentados pelos

alunos na produção levada à sala de aula. Procuramos fazer a correspondência de um conto com outro, o que tornou a história bem mais interessante. Após esse momento, a dinâmica seguiu o mesmo formato já exposto anteriormente. Posteriormente foram disponibilizados em bauzinhos que foram espalhados pelas embarcações que fazem o transporte escolar para que os alunos fizessem a leitura durante o trajeto conforme se pode observar na Figura 7.

Figura 7 - A leitura no barco.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2017).

O passo seguinte foi fazer a leitura e socialização dos textos em sala de aula. No ato, os alunos foram convidados a acomodar-se da forma mais confortável possível e, em seguida, eram convidados a contar o que sentiram ao ler os textos reescritos, se eles perceberam a interação de outros contos com os que foram levados por eles à escola. Vejamos a seguir o que os discentes relataram sobre a dinâmica do projeto desenvolvida em sala de aula:

“Professora, o texto do Manguari ficou bem mais interessante com a foto, eu ainda não tinha visto, ele é bem feio” (risos).

“Aquela história do cabeça de fogo meu pai falou que é verdadeira”

“É bom a senhora sempre colocar textos no barco, a viagem passa mais rápida”

“A lancha encantada fui eu quem trouxe!”

“Antes eu gostava só de histórias de contos de fadas, agora eu gosto também desses contos”

“Deixe o baú aqui na sala para a gente ler quando quiser professora!”
(Falas dos alunos durante a socialização da leitura no barco, 2017).

O momento de socialização foi muito valioso e satisfatório, pois permitiu a interação dos pesquisadores com os alunos, discutindo-se aspectos inerentes aos textos que foram disponibilizados no ambiente escolar para a leitura compartilhada. Na ocasião, os alunos puderam expor as opiniões que tinham sobre as histórias, discordar do enredo, dentre outros aspectos, o que se configurou como uma ação bem-sucedida e construtiva, pois, além do estímulo à leitura que era o foco principal do trabalho, durante as discussões, os educandos também exercitaram a oralidade e a capacidade de ouvir, de dar atenção ao outro. Essas habilidades foram fundamentais para a formação de alunos críticos, reflexivos e

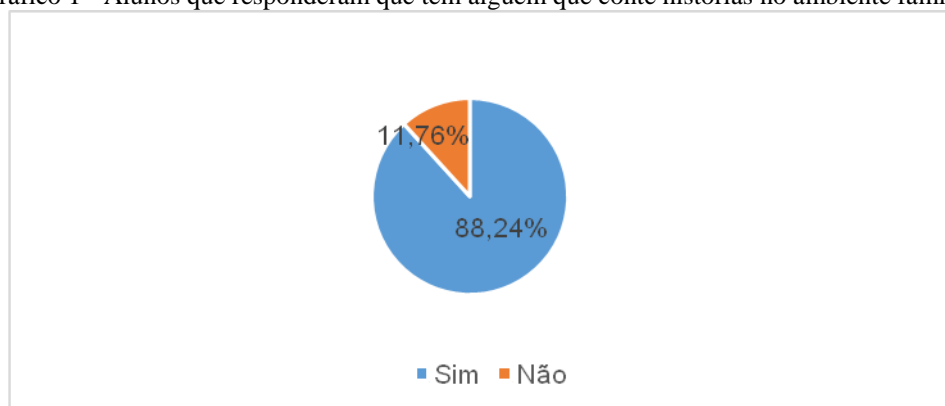
participativos nesse processo de ensino e aprendizagem.

Análise e discussão dos resultados

Para análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2011). A direção tomada foi uma análise categorial com: a) pré-análise - leituras flutuantes, constituição do *corpus* e (re)formulação das hipóteses; b) exploração do material (a busca de categorias ou palavras

significativas para a pesquisa) e; c) interpretação dos resultados. As categorias estabelecidas para análise dos dados foram: I) prática de leitura e escuta; II) expressão oral e; III) interpretação. Abaixo, apresentamos os principais resultados obtidos no diagnóstico efetuado acerca do incentivo e do gosto pela leitura. Os dados inerentes ao primeiro questionamento são apresentados no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Alunos que responderam que tem alguém que conte histórias no ambiente familiar.



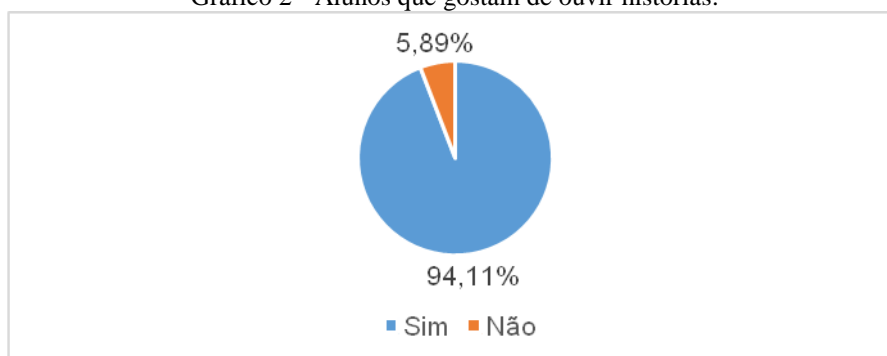
Fonte: Pesquisa dos autores (2017).

Observamos que a maioria dos alunos, 88,24%, afirma que no domicílio há alguém, seja pais, tios ou avós que costumam contar histórias a eles. Esse é um resultado muito positivo, pois demonstra que os alunos são incentivados à leitura pelos familiares por meio da oralidade. Nesse contexto, Da Costa (2016) defende o costume de manter as histórias, ainda que na oralidade, porque conforme a autora “Essas narrativas demonstram a

riqueza e a sabedoria dos povos nativos”. Por isso, ainda que inserindo outros elementos, mantivemos os dados apresentados por eles nas histórias que costumam ouvir dos mais velhos no ambiente familiar.

Perguntamos também aos alunos participantes da pesquisa se eles gostam de ouvir histórias. No Gráfico 2 são apresentados os dados inerentes ao questionamento.

Gráfico 2 - Alunos que gostam de ouvir histórias.



Fonte: Pesquisa dos autores (2017).

O resultado demonstra que quase a totalidade dos alunos afirma gostar de ouvir histórias, o que foi negativedo por somente dois participantes da pesquisa que equivale a 5,89%. Buscamos identificar quais eram esses alunos para que eles falassem mais sobre suas experiências com a leitura no ato da socialização dos resultados e também que fossem incluídos na atividade de dramatização. Isso foi feito comparando-se a escrita com a de outros trabalhos realizados em sala de aula, mas nem foi necessário questioná-los durante a socialização, ambos eram sempre os primeiros a responder aos questionamentos demonstrando que leram, gostaram dos textos e queriam expor suas opiniões sobre personagens e histórias apresentadas.

Com a terceira pergunta efetuada aos alunos buscamos saber se já tinham ouvido histórias que não fosse de contos de fadas, mas que tivessem gostado muito e que sempre pediam para que alguém contasse novamente. Nesse caso, 100% dos alunos responderam que sim. Esse resultado

demonstra que em casa ou em outro ambiente que costumam frequentar, além da escola, em algum momento os alunos têm contato com alguém que se dispõe a contar-lhes histórias, o que já era esperado, pois, conforme referendado por Sicsu (2013, p. 56), “há uma maneira de ser do homem do extremo norte, que nunca será aniquilada”. Contar histórias é uma dessas “maneiras de ser” referendada pela autora e faz parte da rotina da vida dos ribeirinhos.

Na quarta pergunta direcionada aos alunos solicitamos que em caso de eles terem uma história preferida, dentre as contadas pelos pais ou demais familiares, que informassem o que sentiam ao ouvi-la. Como resultado obtemos os seguintes sentimentos expostos no questionário:

“felicidade”
“alegria”
“prazer”
“tristeza”
“medo”
“frio na barriga”

(Depoimento dos alunos, 2017).

Observamos que são vários os sentimentos aflorados nos participantes da pesquisa quando eles ouvem as histórias que mais gostam. Isso é muito importante para a vida da criança, porque, conforme exposto por Bettelheim (2004) os sentimentos expressos a partir da leitura nos permitem superar corajosamente as adversidades, sejam elas reais ou imaginárias, e ainda, que por sua imensa variedade de acontecimentos e situações, as histórias nos capacitam a tecer imagens e fantasias, que nos arrancam do mundo em que vivemos e nos levam a um melhor, bem mais interessante de habitar.

Por isso, ao serem questionados se sentem medo ou entendem que essas histórias não passam de ficção e contos de assombração, dentre as respostas, obtemos que:

“Histórias de assombração são as minhas preferidas”

“Sinto medo de algumas que parecem ser de verdade”

“Eu gosto, mas sinto medo”

“Depois sinto medo de ir parar o motor”

“Eu gosto e quando acho legal e peço pra contar mais e mais!”

“Fico com medo porque pode até ser ficção, mas é um horror”

“Gosto, mas as vezes dá um frio na barriga”

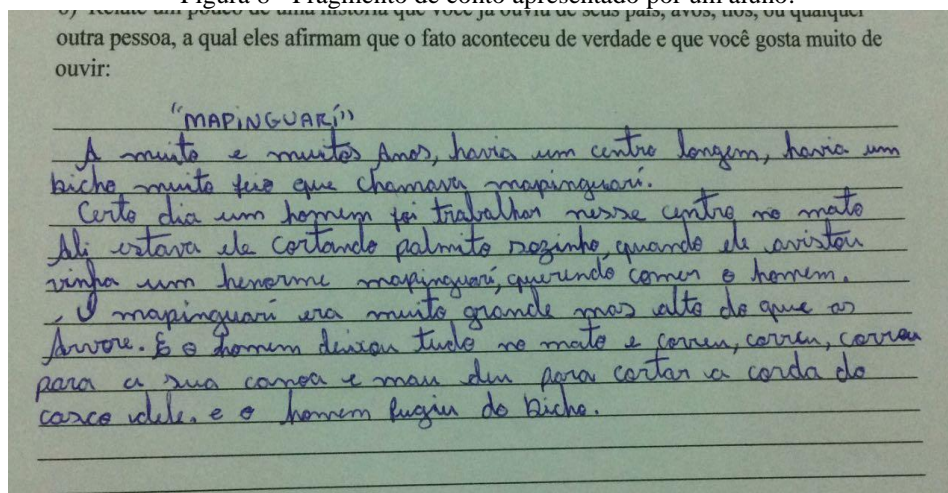
“Fico com a história na cabeça, parece que vai aparecer pra mim”

(Depoimento dos alunos, 2017).

Com os depoimentos é possível perceber que mesmo os alunos tendo a certeza de que as histórias contadas a eles são de ficção, os sentimentos aflorados chegam a interferir em alguma ação, como a relatada, que tem medo de ir parar o motor^{vi}, ou da dor de cabeça ocasionada pelo medo. Isso ocorre porque conforme referendado por Bettelheim (2004) o conto não ignora as ansiedades e dilemas existenciais do indivíduo tais como a necessidade de ser amado, o medo de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte; ao contrário, ele permite que esses problemas sejam encarados diretamente, oferecendo soluções para enfrentá-los.

Solicitamos ainda no questionário que os alunos relatassem um pouco de uma história que tivessem ouvido de pais, tios ou qualquer outra pessoa, a qual eles afirmaram que o fato aconteceu de verdade e que eles gostam muito de ouvir. Nesse caso, obtemos todos os contos como já citados e listados no Quadro 1 anteriormente. Mas para melhor ilustração, segue exemplo como mostra a Figura 8 apresentada a seguir.

Figura 8 - Fragmento de conto apresentado por um aluno.



Fonte: Pesquisa dos autores (2017).

Lembramos que os textos levados à sala de aula pelos alunos foram os mesmos utilizados nas atividades propostas para estimular o gosto pela leitura.

Prática de leitura e escuta

São inúmeros os gêneros que podem ser apresentados às crianças quando se trata de incentivar a leitura. Eles se configuram tanto com os que se constituem na linguagem escrita quanto na oralidade, tais como os contos ficcionais. No caso das comunidades ribeirinhas, são tecidos a partir do seu cotidiano, da relação do homem com os rios, “a terra e a floresta numa relação plena de saberes que se entrelaçam com os mitos, a religiosidade o trabalho e o lazer”. (Santos & Nascimento, 2014, p. 59).

É essa aproximação das histórias com as vivências dos alunos, o que lhes suscita o interesse por ouvi-las conforme

observamos nos dados apresentados no Gráfico 2, pois grande parte afirma gostar de ouvir histórias e justifica esse gostar quando indica que ao ouvir suas histórias preferidas sente “felicidade”, “alegria”, “prazer”, “tristeza”, “medo” e até “frio na barriga”. Foi essa a proposta que se pensou ao planejar as atividades desenvolvidas durante a pesquisa realizada na Escola Fé em Deus. Para isso, lançamos mão da inserção de outros personagens também encantados e imaginários sem retirar, no entanto, a essência dos contos. Foi isso que instigou o interesse dos alunos pela leitura conforme se pode observar na Figura 9 apresentada a seguir.

Figura 9 - Momentos de leitura dos contos ficcionais com os alunos.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

É pertinente salientar que além do ouvir se faz necessário que a criança seja estimulada também a contar histórias. E os mesmos alunos que afirmaram gostar de ouvir também gostam de contar histórias. Isso é um aspecto muito positivo, pois, conforme referendado por Vygotsky (1999, p. 128), quando a narrativa faz parte da vida da criança desde os primeiros anos de vida o pensamento lógico e a imaginação tendem a se desenvolver com mais facilidade.

Assim, percebemos de forma bem nítida o quanto os textos apresentados pelos alunos e reescritos por eles, estimularam o gosto pela leitura. Os mesmos ao terem contato com a leitura no trajeto para a escola deixavam transparecer as mais diferentes emoções, ficavam surpresos com tantas informações acrescentadas aos textos que eles mesmos produziram. Isso os fez perceber que é

possível acrescentar informações a um texto sem que ele perca sua essência, tal como se pode observar no conto ficcional reescrito do “Mapinguari” apresentado a seguir.

O MAPINGUARI

Contam os caboclos da Amazônia, que dentro da floresta vive um bicho gigante e peludo, com a boca na testa e os olhos no umbigo. Ele é coberto de pelos e usa uma armadura de casco de tartaruga para se proteger. Os pés têm formato de uma mão de pilão.

Quando anda pela mata, vai gritando, quebrando galhos e derrubando árvores, deixa um rastro de destruição. Dizem que ele só sai de casa nos dias santos e feriado e foge quando encontra um bicho-preguiça.



Fonte: Disponível em:

<http://www.sohistoria.com.br/lendasemitos/mapinguari/> Acesso em: 25 jun. 2018.

Para pegar suas presas, o mapinguari emite um grito igual aos que os caçadores usam para se comunicar na floresta e isso é o que os leva até o temido monstro. Pois, ao responder ao grito, o mapinguari dirige-se à eles. Não adianta correr, atirar ou gritar contra a fera, ele é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda.

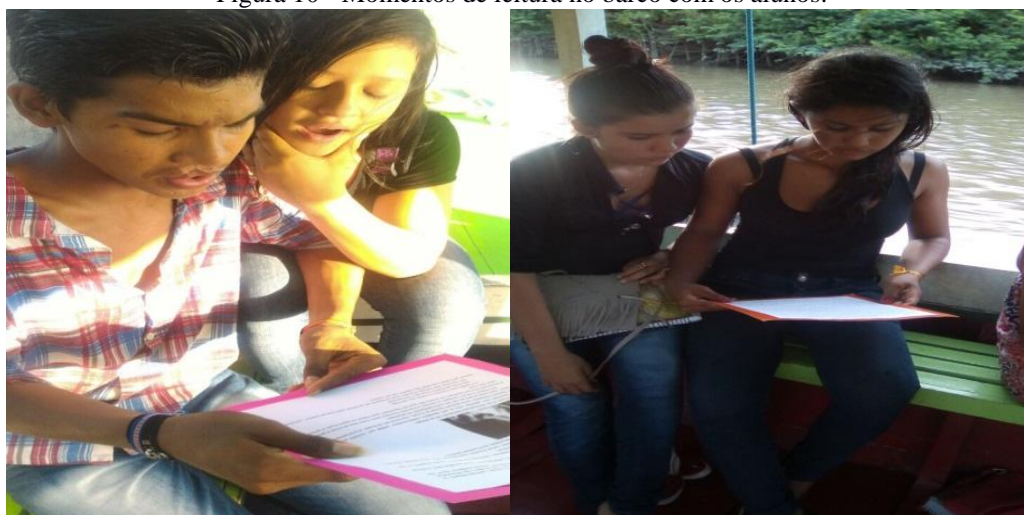
Os ribeirinhos relatam que já houve muitos combates entre valentes caçadores e o mapinguari, mas o monstro sempre leva vantagem, pois, quando os caçadores não morrem e são devorados, ficam aleijados e com terríveis marcas pelo corpo.

Dizem ainda, que o mapinguari só caça durante o dia, pois deixa a noite para descansar e repor as forças para suas caçadas e lutas.

Por isso, cuidado! Não entre na floresta em dias santos ou feriado e, ao ouvir gritos pela floresta, nunca responda, se você responder, o mapinguari vai chegar até você. Adaptado pelos pesquisadores (2017).

É importante ainda destacar que a simples inserção da imagem de um monstro - que até então os alunos tinham visualizado somente na imaginação - inserir as imagens nos contos em que isso era possível tornou a leitura bem mais interessante e foi muito satisfatório visualizar as expressões de encanto, de surpresa nos olhares dos alunos conforme apresentado na Figura 10 a seguir.

Figura 10 - Momentos de leitura no barco com os alunos.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

O uso de uma linguagem simples e de fácil compreensão aos alunos foi

importante para a dinâmica do trabalho, pois contribuiu para aflorar o interesse pela

leitura a partir de enredos e personagens que cativaram, despertaram a sensibilidade e inúmeras sensações nos jovens leitores que só são possíveis de serem vivenciadas a partir do contato com os livros, com as histórias, com os contos.

A expressão oral

Durante todo o desdobramento das oficinas percebemos que havia muitos alunos apresentando timidez e falta de autoconfiança, o que resultava no medo de falar em público e de errar (falar algo que provocasse o riso entre os colegas, por exemplo). Por isso, se tornava tão complicado fazer com que eles conseguissem expressar-se fora dos círculos de convivência. Vale salientar que nesses círculos eles se sentem à vontade e, se houver o erro, este será aceito no tom de brincadeira descontraída, sem ferir a autoestima do falante. Fora dele, no entanto, a timidez é fator preponderante que, na maioria dos casos, impede aos alunos se expressarem, de expor suas ideias, defender opiniões, dentre muitos outros aspectos que acabam por interferir na interação com o outro.

Por isso se tornou tão importante criar laços afetivos entre os pesquisadores e os alunos para que eles notassem que o professor não é um ser intocável e inacessível. Portanto, a partir desse

entrosamento passaram a sentir confiança para se expressar e realizar atividades como: ensaios para a dramatização, exercícios de voz e expressão facial. Esse momento de interação e aprendizado também serviu ainda para instigar os educandos à prática da leitura e ao desenvolvimento da linguagem oral; inserindo nas atividades cotidianas, ações significativas, que suscitassem o interesse e, a partir daí pudessem se posicionar, favoravelmente ou discordando.

No decorrer das intervenções percebemos que os alunos foram adquirindo confiança, assim como observamos uma mudança de comportamento, pois os educandos passaram a demonstrar interesse, afinidades, carinho e respeito de maneira mais visível, isto é, o ambiente tornou-se mais acolhedor e afetivo onde os participantes ficaram mais à vontade para compartilhar o conhecimento adquirido. Verificamos que os discentes conseguiram “resgatar/construir/descobrir” a autoestima e autoconfiança, o que os deixou mais “soltos” e animados para se expressarem e mostrarem a outras pessoas o que conseguiram construir durante as oficinas.

Durante as conversas com os alunos notamos também um certo entusiasmo e, até mesmo, um pouco de temor ao se referirem aos contos, principalmente

aqueles de assombração, o que nitidamente é perceptível na expressão facial e no uso de gestos que levavam a fatos ocorridos no enredo das histórias, como no ato em que um dos alunos imitava como seria o “frio na barriga” (fazendo gestos com as mãos).

Bettelheim (2004, p. 281) afirma que a criança visualiza o futuro nas ações dos adultos que a rodeiam é comum. De acordo ainda com o autor, a criança delinea essas figuras sob a perspectiva de heróis e, com isso, busca imitá-los, assim como faz com seus personagens preferidos de filmes e de histórias como os contos de fadas. Por isso, o professor deve valorizar momentos em que os alunos possam interpretar, dramatizar, imitar, trazer para a sua realidade a fantasia a emoção vivenciada nos contos, nas histórias que ouve dos mais velhos. Foi isso que propomos como última ação da pesquisa desenvolvida com os alunos da Escola Fé em Deus.

Interpretação e dramatização

Durante as ações realizadas visando incentivo à leitura a partir das narrativas ficcionais, priorizamos os momentos de discussões em grupo que permitiram aos alunos ter uma melhor compreensão do

que liam já que tanto nas atividades em grupos maiores quanto em duplas, eles eram instigados a discutir entre si sobre o que liam, confrontando opiniões, sentimentos, entre outros. Ou seja, isso exigiu que eles interpretassem o papel de cada personagem, o motivo dos conflitos gerados, interpretar as informações presentes no enredo de cada texto apresentado.

Quando os alunos participantes do 6º ao 9º ano da referida escola realizaram as dramatizações dos contos “Jurupari” e “Menina encantada”, as crianças convidadas, da Educação Infantil ao 5º ano que estavam presentes no local do evento, voltaram-se completamente para as apresentações. Os educandos que dramatizaram os contos estavam empolgados, seguros e felizes, por isso, conseguiram emocionar a plateia, assim como os professores presentes. Na Figura 11, temos as imagens das duas histórias citadas anteriormente, da Região Amazônica:

Figura 11 - Dramatização dos contos: A menina encantada e o Jurupari.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

Foi muito emocionante observar cada um dos alunos se preocupando em auxiliar o colega, por exemplo, no ato de ensaiar as falas para a dramatização, os gestos, as cenas e até durante as apresentações eles estavam unidos e felizes. Percebemos claramente o envolvimento deles com as peças e o público quando em uma determinada cena o colega gritava lá do meio da plateia: “põe drama aí!”. Isso promoveu momentos de descontração, diversão e lazer entre os alunos. Além disso, a dramatização envolveu a escola como um todo, pois no ato, estavam

presentes os alunos do turno da manhã e da tarde, inclusive muitos familiares fizeram questão de assistir à apresentação, principalmente os pais dos educandos.

Logo, podemos afirmar que as atividades que propomos no trabalho desenvolvido na escola Fé em Deus possibilitou romper com os muros da escola e chegar até a comunidade como um todo, envolvendo desde os catraieiros até os pais dos alunos, que não participam com muita frequência das atividades desenvolvidas no ambiente educacional.

Figura 12 - Público na dramatização realizada na escola.



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2017).

É importante frisar ainda que no ato das apresentações muitos pais de alunos que se encontravam presentes nos procuraram após as apresentações para parabenizar pelo trabalho, informando que notaram o empenho dos filhos para organizar as falas nas apresentações, ensaiando para que pudessem levar ao público uma história que fosse interessante, assim como, foi a eles. Isso demonstra que fizemos o certo, que as ações planejadas e desenvolvidas foram significativas e proporcionaram momentos divertidos e prazerosos aos alunos, pois pudemos envolver a família, o que consideramos fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

A presente pesquisa comprovou a hipótese de que as narrativas ficcionais são importantes para trabalhar a leitura com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Demonstramos a partir das ações propostas que é possível desenvolver trabalhos significativos aos alunos, sem dispor de grandes investimentos, sendo que as estratégias de leitura podem ser adaptadas de acordo com a realidade e necessidade de cada um.

Os resultados demonstram que é possível trabalhar o ensino da leitura de

forma diferenciada, independentemente das condições da escola. Para isso, é preciso que o professor se disponha a desenvolver ações que envolvam os alunos, que façam com que sintam prazer e satisfação em participar das aulas. Foi o que propomos como atividade, extrapolar o espaço da sala de aula, e levar até aos alunos atividades diferenciadas, além de surpreendê-los com momentos inesperados como o da leitura na catraia.

O trabalho foi muito importante porque a realidade da Educação do Campo incita que professores que atuam em escolas de regiões ribeirinhas busquem metodologias que despertem a atenção dos alunos, que os instiguem à pesquisa na própria comunidade, que façam um resgate da cultura e história local, para a partir dela, realizar os trabalhos em sala de aula, assim como fizemos na execução da presente proposta de trabalho.

Acreditamos que as escolas devem apoiar os professores nesse processo de inovação da prática pedagógica, ainda que não se disponibilize de recursos para que essas atividades diferenciadas sejam desenvolvidas. Que as escolas não dificultem o trabalho docente, pois, observamos durante a pesquisa que há certa aversão da escola a projetos inovadores, e sendo uma escola ribeirinha,

ainda prevalece aquela concepção tradicional de que o ensino deve ser pautado em copiar assuntos e mais assuntos no quadro para que o aluno leve o caderno recheado de conteúdos aos pais, ou seja, comprovar que a escola está ensinando e que o aluno está aprendendo.

É fundamental que as secretarias de educação através de seu corpo técnico pedagógico façam um acompanhamento mais próximo das escolas ribeirinhas auxiliando com recursos materiais e financeiros para que seja ofertado um ensino de mais qualidade ao aluno.

Outra instituição que também é essencial no processo de ensino e aprendizagem e que não deve alijar-se de participar da vida escolar dos filhos é a família. Assim como na maioria das escolas ribeirinhas, na escola Fé em Deus também se deixa a desejar quando se trata da participação efetiva da família na formação educacional dos filhos. Portanto, acreditamos que os alunos precisam ser incentivados a ir em busca de novos conhecimentos, devem sentir-se motivados a ir pra escola.

Os momentos em sala de aula devem ser prazerosos e divertidos, pois já não se pode pensar em uma educação na qual a criança tenha que sentar-se enfileiradas, copiando inúmeros assuntos passados pelo professor no quadro, sem que proporcione

qualquer interesse, qualquer significado à vida. Observamos, por exemplo, que durante as atividades desenvolvidas os alunos sentiam satisfação em participar das aulas. Os momentos de leitura foram surpreendentes. Percebemos os olhares curiosos dos alunos ao ler cada parte das histórias apresentadas, do entusiasmo ao ler uma aventura, das risadas em algum trecho, da ação de algum personagem, entre outros.

Podemos afirmar, portanto, que as aulas propostas foram significativas aos alunos da Escola Fé em Deus, porém, isso só foi possível devido um planejamento e estudo pré-estabelecido para desenvolver cada uma das propostas, assim como, disponibilização de tempo para organizar e executar cada uma das ações. Ou seja, essas atitudes demonstram que para se desenvolver um trabalho de qualidade, que envolva a realidade do aluno e que seja significativo para ele, é preciso, além de disposição para estudar, que o professor se disponibilize a organizar cada etapa, delimitar público alvo, analisar o que pode chamar a atenção do aluno e fazer adequações quando necessário no sentido de alcançar os objetivos e interesses propostos.

Referências

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bettelheim, B. (2004). *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Da Costa, J. G. (2016). *Identidade e cultura amazônica em obras da literatura infantojuvenil* (Dissertação de Mestrado). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

Hage, S. M. (2005). Classes Multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica. In Hage, S. M. (Org.). *Educação do Campo na Amazônia: Retratos e realidades das Escolas Multisseriadas no Pará* (pp. 44-60). Belém, PA: Gráfica e Editora Gutenberg Ltda.

Oliveira, M. M. (2008). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Santos, D. G. F. L., & Nascimento, M. F. (2014). Leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense. In XIV ABRALIC. Anais eletrônicos. Universidade Federal do Pará.

Sicsu, D. P. (2013). *O imaginário em narrativas da literatura infantojuvenil amazonense* (Monografia de Graduação). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

Vygotsky, L. S. (1999). *A Formação social da Mente*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

ⁱ Subdivisões de áreas na zona rural no Município de Afuá-PA, onde estão localizadas as escolas ribeirinhas.

ⁱⁱ Construções feitas somente com troncos e palhas, comuns em regiões ribeirinhas.

ⁱⁱⁱ Pequenas embarcações movidas a motor.

^{iv} Pequeno barco de madeira, aberto e com bancos laterais para acomodação dos passageiros.

^v É o arrancamento brusco e acidental do escalpo humano (couro cabeludo), acidente muito recorrente na Região Amazônica.

^{vi} Meio de prover energia aos ribeirinhos. Costuma normalmente ficar ligado até as 22h00.

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 29/08/2018

Aprovado em: 06/03/2019

Publicado em: 29/10/2019

Received on August 29th, 2018

Accepted on March 06th, 2019

Published on October, 29th, 2019

Contribuições no artigo: Os autores foram responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.


Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.


Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Elivaldo Serrão Custódio

 <http://orcid.org/0000-0002-2947-5347>

Rubelina Silva dos Santos

 <http://orcid.org/0000-0001-8872-9899>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Custódio, E. S., & Santos, R. S. (2019). Narrativas ficcionais - potenciais pedagógicos, estético e literário para a formação do aluno no espaço escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 4, e5813. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e5813>

ABNT

CUSTÓDIO, E. S.; SANTOS, R. S. Narrativas ficcionais - potenciais pedagógicos, estético e literário para a formação do aluno no espaço escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 4, e5813, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e5813>